

PERSPECTIVAS HISTÓRICAS E CULTURAIS DA MORTE NO OCIDENTE

HISTORICAL AND CULTURAL PERSPECTIVES ON DEATH IN THE WESTERN WORLD

KEPLER, Rosilei dos Santos Rodrigues¹

PALOSCHI, Aline Sabino da Silva²

MAZZONETTO, Clenio Viane³

¹Psicóloga. Doutora em Educação. Docente do Curso de Psicologia da UCEFF – Centro Universitário FAI, São Miguel do Oeste (SC).

²Psicóloga e Pedagoga. Mestra em Educação. Docente do Curso de Psicologia da UCEFF - Itapiranga.

³Licenciado em Filosofia. Doutor em Educação. Professor do curso de Psicologia do Centro Universitário UCEFF/ Itapiranga, SC, Brasil.

Autor Correspondente: Rosilei dos Santos Rodrigues Kepler (e-mail: rosilei.kepler@uceff.edu.br)

Resumo: Este estudo analisa as perspectivas históricas e culturais da morte no Ocidente, buscando compreender as diferentes formas pelas quais esse fenômeno foi concebido ao longo da história. Trata-se de uma revisão bibliográfica de abordagem qualitativa, fundamentada em autores que investigam as dimensões filosóficas, religiosas, culturais e sociais da morte. São discutidas as contribuições da mitologia grega, especialmente os mitos de Eros e Thanatos, como representações simbólicas das pulsões de vida e de morte, bem como as reflexões de Ariès, Kovács, Kübler-Ross, Santos, Arantes e D'Assunção acerca das transformações nas concepções do morrer. A análise evidencia que a morte deixou de ser um acontecimento familiar e compartilhado, característico da Idade Média, para tornar-se um processo progressivamente medicalizado, silencioso e afastado do convívio social na contemporaneidade. A compreensão da historicidade da morte amplia as reflexões sobre a finitude humana, os processos de luto e as diferentes formas de enfrentamento da perda, favorecendo uma perspectiva mais humanizada sobre esse fenômeno universal.

Palavras-chave: Morte; finitude humana; cultura ocidental; história da morte; tanatologia.

Abstract: This study analyzes the historical and cultural perspectives on death in the Western world, seeking to understand the different ways this phenomenon has been conceived throughout history. It is a qualitative bibliographic review based on authors who examine the philosophical, religious, cultural, and social dimensions of death. The study discusses the contributions of Greek mythology, particularly the myths of Eros and Thanatos, as symbolic representations of the life and death drives, as well as the reflections of Ariès, Kovács, Kübler-Ross, Santos, Arantes, and D'Assumpção on the transformations in the conceptions of dying. The analysis shows that death has evolved from a familiar and shared event during the Middle Ages to a progressively medicalized, silent, and socially distanced experience in contemporary society. Understanding the historicity of death broadens reflections on human finitude, grieving processes, and the different ways of coping with loss, contributing to a more humanized perspective on this universal phenomenon.

Keywords: Death; Human Finitude; Western Culture; History of Death; Thanatology

1 INTRODUÇÃO

A morte constitui uma realidade universal, presente em todas as sociedades e culturas desde os primórdios da humanidade. Embora represente um fenômeno biológico comum a todos os seres vivos, sua compreensão ultrapassa os limites da dimensão orgânica, envolvendo aspectos históricos, filosóficos, religiosos, culturais, psicológicos e sociais. Ao longo da história, diferentes povos construíram explicações e atribuíram significados à morte, buscando compreender a finitude da existência e responder às inquietações humanas acerca do morrer e do destino após a vida.

No contexto ocidental, a compreensão da morte passou por profundas transformações ao longo dos séculos. Em determinados períodos históricos, especialmente na Idade Média, ela era vivenciada como um acontecimento natural, coletivo e integrado ao cotidiano das pessoas, cercado por rituais familiares e religiosos. Com o avanço da ciência, da medicina e das mudanças socioculturais, o morrer tornou-se progressivamente institucionalizado, medicalizado e afastado do convívio social, passando a ser tratado como um

tema frequentemente evitado, marcado pelo medo, pelo silêncio e pelo sofrimento.

Além das interpretações históricas, a morte ocupa lugar de destaque na mitologia, na filosofia e na psicologia. Os mitos gregos, especialmente as figuras de Eros e Thanatos, simbolizam a dualidade entre vida e morte, amor e destruição, evidenciando que a finitude sempre despertou profundas reflexões sobre a condição humana. Da mesma forma, diferentes correntes filosóficas e autores contemporâneos demonstram que a maneira como cada sociedade compreende a morte influencia seus valores, seus rituais, suas formas de enfrentamento do luto e sua própria concepção de existência.

Nesse contexto, este artigo tem como objetivo analisar as perspectivas históricas e culturais da morte no Ocidente, evidenciando como as concepções acerca da finitude humana foram sendo construídas e transformadas ao longo da história.

Esta revisão bibliográfica fundamenta-se nas contribuições de autores que abordam a morte, a finitude e o sentido da existência sob diferentes perspectivas históricas, filosóficas, culturais e psicológicas. Espera-se que as reflexões aqui apresentadas contribuam para ampliar a compreensão da morte como um fenômeno humano complexo, cuja interpretação está diretamente relacionada ao contexto histórico, cultural e social em que se insere.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa teórica, de natureza bibliográfica e abordagem qualitativa. O levantamento bibliográfico foi fundamentado em livros e capítulos de livros pertencentes aos campos da história da morte, da tanatologia, da psicologia, da psicanálise e da mitologia. Foram privilegiadas as contribuições de Ariès, Kovács, Kübler-Ross, Santos, Arantes, D'Assumpção e de outros autores cujas obras constituem referência para a compreensão das dimensões históricas, culturais e psicossociais da morte.

A seleção das obras considerou sua relevância acadêmica e sua contribuição para a compreensão das transformações das concepções da morte no contexto ocidental. A análise do material foi desenvolvida de forma interpretativa, buscando identificar aproximações, diferenças e contribuições entre os autores pesquisados.

Para fins de organização, a discussão foi estruturada em três eixos temáticos: as representações simbólicas da morte na mitologia grega; a compreensão da morte sob a perspectiva da tanatologia; e as transformações históricas e culturais ocorridas no Ocidente, com ênfase na passagem da morte familiar e pública para o morrer medicalizado e socialmente interdito.

3 PERSPECTIVAS HISTÓRICAS E CULTURAIS DA MORTE NO OCIDENTE

A compreensão da morte foi sendo construída e transformada ao longo da história, refletindo os valores, as crenças e a organização social de cada época. Nesse sentido, revisitar as concepções predominantes em diferentes períodos históricos permite compreender como se constituíram muitas das representações sobre a morte presentes na sociedade contemporânea.

Segundo Kastenbaum e Aisenberg, existem pelo menos duas formas fundamentais de compreender a morte que devem ser distinguidas: a "morte do outro" e a percepção de que "eu morrerei".¹ Embora ambas se refiram ao mesmo fenômeno, despertam experiências emocionais e cognitivas distintas. Enquanto a morte do outro está relacionada à vivência da perda e da separação, a consciência da própria finitude mobiliza reflexões sobre a existência, o medo do morrer e o significado atribuído à vida.

Os autores afirmam que a concepção desenvolvida por cada indivíduo acerca da morte influencia diferentes aspectos de seu comportamento, podendo ser modificada pelas experiências vividas e pelos processos cognitivos. Manifestações como insônia, ansiedade intensa ou pânico diante da separação temporária de uma pessoa significativa podem, em determinadas circunstâncias,

estar relacionadas às preocupações com a morte e com a possibilidade da perda¹.

Segundo Kovács, a morte constitui um fenômeno que desafia a linguagem e a compreensão humana, pois não pode ser plenamente descrita, pensada ou nomeada². Para a autora, a própria palavra "morte" mostra-se insuficiente para definir sua complexidade, uma vez que seu significado é construído de maneira singular por cada indivíduo, a partir de suas experiências, crenças, valores e fantasias.

Kovács ressalta, ainda, que o ser humano é essencialmente relacional e depende do outro ao longo de toda a vida, sobretudo nos momentos de maior vulnerabilidade, como aqueles relacionados ao morrer e às perdas.² Diante da dificuldade de explicar racionalmente a morte, diferentes sociedades desenvolveram recursos simbólicos para atribuir sentido a esse fenômeno.

Segundo a autora, a poesia, os mitos e outras manifestações culturais constituem importantes formas de elaboração da experiência da morte, pois possibilitam expressar e compreender aquilo que, muitas vezes, escapa à linguagem.² Ao longo da história, esses recursos simbólicos permitiram aos seres humanos refletir sobre a finitude, o sofrimento e os mistérios que permeiam a existência, favorecendo a construção de significados diante da inevitabilidade da morte.

Nessa perspectiva, compreender a morte implica reconhecer não apenas sua dimensão biológica, mas também seus significados históricos, culturais e simbólicos, construídos pelas diferentes sociedades ao longo do tempo.

3. A MORTE NA MITOLOGIA GREGA: EROS E THANATOS

Os mitos ocupam um lugar central na construção do imaginário coletivo, pois constituem narrativas simbólicas que procuram explicar a origem do mundo, os fenômenos da natureza e os aspectos fundamentais da existência humana. Segundo Bulfinch, essas narrativas representam uma importante herança

cultural, transmitida entre gerações, por meio da qual diferentes povos buscaram compreender a realidade e atribuir significado às experiências humanas³.

Na Grécia Antiga, os mitos desempenhavam papel essencial na interpretação dos acontecimentos da vida e da natureza. Em uma época em que ainda não existiam explicações científicas para muitos fenômenos, essas narrativas permitiam interpretar a realidade, preservar a memória cultural e transmitir valores às gerações seguintes. Nesse contexto, destacam-se os mitos de Eros e Thanatos, que simbolizam, respectivamente, as forças da vida, do amor e da morte.

Posteriormente, essas figuras mitológicas passaram também a representar a dualidade entre as pulsões de vida e de morte, sendo retomadas por diferentes campos do conhecimento, especialmente pela psicanálise⁴.

Eros e Morte

Era uma tarde quente e abafada, e Eros, cansado de brincar e derrubado pelo calor, abrigou-se numa caverna fresca e escura. Era a caverna da própria morte. Eros, querendo apenas descansar, jogou-se displicentemente ao chão, tão descuidadamente que todas as suas flechas caíram. Quando ele acordou percebeu que elas tinham se misturado com as flechas da morte, que estavam espalhadas no solo da caverna. Eram tão parecidas que Eros não conseguia distingui-las. No entanto, ele sabia quantas flechas tinha consigo e juntou a quantia certa. Naturalmente, Eros levou algumas flechas que pertenciam à morte e deixou algumas das suas. E é assim que vemos, frequentemente, os corações dos velhos e dos moribundos, atingidos pelas flechas do amor, e às vezes, vemos os corações dos jovens capturados pela morte⁵.

Na mitologia grega, Eros representa a personificação do amor e do desejo, sendo identificado na tradição romana como Cupido. Tradicionalmente, é descrito como filho de Afrodite, deusa do amor, e de Ares, deus da guerra. Geralmente é representado como um jovem ou uma criança alada que, por meio de suas flechas, desperta o amor no coração dos deuses e dos mortais.

Segundo a narrativa mitológica, Eros apaixonou-se por Psique, personificação da alma humana. Invejosa da beleza da jovem, Afrodite submeteu-a a diversas provas e sofrimentos, tendo como companheiras a

Inquietude e a Tristeza. Ao final, Zeus, sensibilizado pelo amor entre ambos, concedeu a Psique a imortalidade, permitindo sua união definitiva com Eros.

Em contraposição a Eros, Thanatos representa, na mitologia grega, a personificação da morte. Filho de Nix, deusa da noite, era descrito como um ser de coração de ferro e entranhas de bronze, temido pelos mortais por surgir, na maioria das vezes, de forma inesperada. Frequentemente era representado como um homem de cabelos prateados, portando uma espada ou uma tocha. Cabia a Thanatos conduzir os mortos ao mundo inferior, onde suas almas passavam ao domínio de Hades, soberano do submundo. Conforme descreve Guimarães, Hades era considerado impiedoso, pois aos mortos "não lhes permite jamais voltar a ocupar o lugar entre os vivos"⁶.

Thanatos era irmão gêmeo de Hipnos, o deus do sono. Enquanto Hipnos simbolizava o repouso e a restauração das forças, habitando, segundo a tradição mitológica, um palácio situado em uma caverna onde a luz do sol jamais penetrava, Thanatos representava a morte inevitável. Na mitologia grega, era considerado um dos auxiliares de Hades, tendo como função conduzir as almas dos mortos ao mundo inferior.

Um dos episódios mais conhecidos envolvendo Thanatos é narrado no mito de Sísifo. Segundo Meunier, Zeus raptou Egina, filha de Asopo, transformando-se em águia para levá-la consigo. Ao ser interrogado pelo pai da jovem sobre seu paradeiro, Sísifo revelou o ocorrido em troca de uma fonte de água para sua cidade. Ao tomar conhecimento da traição, Zeus ordenou que Thanatos conduzisse Sísifo ao mundo dos mortos⁷.

Entretanto, Sísifo conseguiu enganar Thanatos. Utilizando sua astúcia, convenceu-o a experimentar uma coleira que, supostamente, serviria como um colar. Assim que Thanatos a colocou, foi acorrentado pelo próprio Sísifo, permanecendo aprisionado. Como consequência, nenhum ser humano podia morrer, rompendo a ordem natural da vida. Diante dessa situação, Hades interveio para libertar Thanatos e restabelecer o ciclo da morte, permitindo que Sísifo fosse finalmente conduzido ao mundo inferior⁷.

O mito de Sísifo evidencia que, na tradição grega, a morte é compreendida como uma força inevitável, da qual nenhum ser humano consegue escapar indefinidamente. Ainda que a inteligência e a astúcia permitam adiar seu encontro, a ordem natural da existência acaba sendo restabelecida, reafirmando a inevitabilidade da finitude humana.

O conhecimento das características dos heróis, a sua complicada e, às vezes, dupla origem, seu comportamento, ora encantador, ora agressivo, destrutivo ou desonesto; seus defeitos, sua morte trágica como coroamento de sua vida, seus diferentes destinos após a morte, ora ajudando ora prejudicando os humanos, tudo nos enriquece e amadurece para experimentarmos as infinitas possibilidades das transformações humanas⁸.

Os personagens da mitologia grega também foram retomados por diferentes pensadores para explicar a dualidade presente na existência humana. Na formulação desenvolvida por Freud, Eros e Thanatos deixam de ser apenas personagens mitológicos e passam a representar duas pulsões fundamentais que orientam o comportamento humano⁹. Eros simboliza a pulsão de vida, relacionada à preservação da existência, aos vínculos afetivos, ao amor e à criação. Thanatos, por sua vez, representa a pulsão de morte, associada às tendências destrutivas, à agressividade e à autodestruição.

Nesse entendimento, a pulsão de morte pode manifestar-se de diferentes maneiras, por meio de tendências agressivas e autodestrutivas. Entretanto, essa formulação exige cautela, pois não estabelece uma relação causal simples entre a pulsão de morte e o comportamento suicida.

Para Almeida, Eros e Thanatos representam forças opostas e complementares: Eros, o deus grego do amor, e Thanatos, a personificação da morte. A oposição entre essas duas figuras evidencia a permanente tensão entre os impulsos de preservação da vida e aqueles relacionados à destruição, constituindo uma importante metáfora para a compreensão da condição humana¹⁰.

Bulfinch destaca que, embora os mitos sejam reinterpretados ao longo do tempo, preservam sua riqueza simbólica e sua capacidade de representar aspectos fundamentais da existência humana³.

De modo semelhante, Brandão afirma que o conhecimento da narrativa mitológica possibilita compreender não apenas a história dos deuses e dos heróis, mas também os valores, os conflitos e as transformações que marcaram a civilização grega⁸. Sob essa perspectiva, a mitologia constitui uma importante fonte para a compreensão da morte e da finitude humana, contribuindo significativamente para os estudos da tanatologia ao revelar como diferentes sociedades buscaram atribuir significado ao morrer e às experiências relacionadas à perda.

4 A COMPREENSÃO DA MORTE SOB A PERSPECTIVA DA TANATOLOGIA

Kübler-Ross afirma que, ao longo da história, epidemias e doenças infecciosas dizimaram populações inteiras, tornando a morte uma experiência frequente no cotidiano das famílias. A mortalidade infantil era elevada, sendo raro encontrar uma família que não tivesse vivenciado a perda de um de seus membros. Segundo a autora, essa realidade estava relacionada à inexistência de tratamentos eficazes para diversas doenças, uma vez que recursos como antibióticos, vacinas e outros avanços da medicina ainda não estavam disponíveis, contribuindo para os elevados índices de mortalidade, especialmente entre as crianças¹¹.

Com os avanços da medicina e da biotecnologia, esse cenário sofreu profundas transformações. O desenvolvimento de vacinas, antibióticos e tratamentos mais eficazes reduziu significativamente a incidência de doenças infecciosas que, durante séculos, foram responsáveis por grande número de mortes. Como consequência, observou-se a redução da mortalidade infantil e o aumento da expectativa de vida da população. Em contrapartida, o crescimento do número de pessoas idosas trouxe novos desafios para a saúde, entre eles a maior incidência de doenças crônicas e degenerativas, como os diferentes tipos de câncer, a doença de Alzheimer e a doença de Parkinson¹¹.

A autora destaca, ainda, que essas transformações modificaram o perfil da assistência em saúde. Se, por um lado, os profissionais passaram a enfrentar com menor frequência doenças agudas potencialmente fatais na infância, por

outro, aumentaram os casos relacionados aos transtornos emocionais, aos distúrbios psicossomáticos e às dificuldades de comportamento e adaptação. Da mesma forma, os profissionais da saúde passaram a acompanhar um número crescente de pessoas idosas que, além das limitações físicas decorrentes do envelhecimento, enfrentam desafios relacionados à solidão, à dependência e à proximidade da morte¹¹.

Segundo Kübler-Ross, as transformações ocorridas nas últimas décadas também contribuíram para intensificar o medo da morte e ampliar a necessidade de compreender o processo de morrer. A autora observa que, ao estudar diferentes povos e culturas ao longo da história, percebe-se que o ser humano sempre demonstrou dificuldade em aceitar a própria finitude, procurando, de diferentes maneiras, afastar ou negar a realidade da morte¹¹.

Essa compreensão também pode ser observada na sociedade contemporânea. A morte desperta medo, angústia e insegurança porque representa uma realidade projetada para o futuro e, muitas vezes, percebida como algo que se deseja evitar. Além disso, os vínculos afetivos estabelecidos ao longo da vida fazem com que a possibilidade da separação seja vivenciada com intenso sofrimento. Como afirma Kübler-Ross, "do ponto de vista psiquiátrico, isto é bastante compreensível e talvez se explique melhor pela noção básica de que, em nosso inconsciente, a morte nunca é possível quando se trata de nós mesmos"¹¹.

Ainda que existam diversas formas de evitar ou adiar reflexões sobre a morte, Kübler-Ross afirma que, na sociedade contemporânea, o processo de morrer tornou-se, sob muitos aspectos, mais solitário, mecanizado e desumanizado¹¹. Em decorrência dos avanços tecnológicos e da crescente medicalização da assistência, muitas vezes torna-se difícil determinar, com precisão, o momento exato da morte. Nesse contexto, a autora destaca que o morrer passou a ocorrer, frequentemente, distante do convívio familiar e cercado por procedimentos técnicos, contribuindo para intensificar o sofrimento humano. Nessa mesma perspectiva, Arantes ressalta que o maior desafio de quem acompanha uma pessoa em processo de morrer consiste em transformar esse momento em uma experiência de cuidado, respeito e acolhimento¹². Para a

autora, mais importante do que buscar respostas para a morte é reconhecer a dignidade da pessoa que vivencia esse processo.

Em muitas situações, o paciente é retirado de seu ambiente familiar e encaminhado para serviços de emergência ou unidades hospitalares. Quando a doença se agrava, frequentemente perde sua autonomia e deixa de participar das decisões relacionadas ao próprio tratamento, que passam a ser assumidas por familiares e profissionais da saúde. Diante dessa realidade, Arantes propõe importantes reflexões: onde permanecem os sentimentos, os desejos, as opiniões e o direito de a pessoa ser ouvida durante o processo de morrer?¹².

5 TRANSFORMAÇÕES HISTÓRICAS DA MORTE NO OCIDENTE

5.1 A Morte Domada na Idade Média

O historiador francês Ariès introduziu o conceito de morte domada para caracterizar a forma como a morte era compreendida e vivenciada na Idade Média. Em seus estudos sobre a história da morte no Ocidente, o autor utiliza esse período como referência para analisar as atitudes do ser humano diante da finitude, fundamentando suas reflexões em diferentes documentos históricos. Segundo Ariès, essas fontes revelam uma concepção de morte própria de uma civilização em que o morrer fazia parte do cotidiano e era aceito como um acontecimento natural da existência¹³.

Ao aprofundar sua análise, Ariès explica que, na sociedade medieval, a morte encontrava-se plenamente integrada à vida social e era marcada por rituais compartilhados pela comunidade¹⁴. A aristocracia cavaleiresca contribuiu para consolidar práticas e representações que reuniam elementos das tradições populares e da cultura cristã. Sob essa perspectiva, o morrer não era percebido como um acontecimento excepcional, mas como uma etapa esperada do ciclo da vida, conduzida por rituais socialmente estabelecidos e amplamente aceitos. A principal característica da chamada morte domada, segundo Ariès, consistia no fato de que o indivíduo, em geral, reconhecia a proximidade do próprio fim¹⁴. Havia tempo para preparar-se espiritualmente, reunir familiares, despedir-se e

cumprir os ritos considerados necessários antes do falecimento. Em contrapartida, situações como a morte súbita ou as grandes epidemias eram vistas como acontecimentos excepcionais, pois interrompiam esse processo de preparação para o morrer.

Para ilustrar essa concepção, Ariès apresenta diferentes relatos históricos que evidenciam como a percepção antecipada da morte fazia parte da experiência cotidiana na Idade Média⁴.

O rei Ban teve uma queda feia do cavalo. Arruinado e expulso das suas terras, fugiu com a mulher e o filho. Parou para ver de longe arder em seu castelo 'que era todo seu consolo.' Não resistiu ao desgosto: 'o Rei Ban assim refletia.' Pôs as mãos diante dos olhos e um desgosto tão grande invadiu e oprimiu que, não podendo verter as lágrimas, o coração asfixiou e ele desmaiou. 'Caiu do cavalo de modo tão desastroso....' Naquela época era comum desmaiar, e os rudes guerreiros, tão intrépidos e valentes, desmaiavam em qualquer ocasião. Essa emotividade viril perdurou até o período barroco. Só depois do século XVII tornou-se apropriado ao homem viril controlar suas emoções. Na época romântica, o desmaio era reservado às mulheres, que dele abusaram. Hoje tem exclusivamente significado clínico. Quando o rei Ban voltou a si, percebeu que saía sangue da boca, do nariz, dos ouvidos. "olhou para o céu e pronunciou como pôde...Ah senhor Deus...ajudai-me porque vejo e sei que chegou meu fim. Eu sinto, eu vejo e eu sei"¹⁴.

Na Idade Média, os monges piedosos comportavam-se de maneira semelhante aos cavaleiros, pois acreditavam ser possível perceber a aproximação da morte. Segundo Ariès, eram frequentes os pressentimentos e as manifestações consideradas sobrenaturais, como a aparição de almas em sonhos, interpretadas como sinais de que o fim da vida estava próximo¹⁴. A concepção da morte domada encontra-se presente em diversos contos e narrativas, evidenciando que a morte fazia parte do ciclo natural da existência e era anunciada por meio de rituais e sinais que permitiam ao indivíduo preparar-se para o momento final.

Sob essa compreensão, acreditava-se que a morte enviava avisos antes de sua chegada e que os mortos permaneciam, de alguma forma, próximos ao mundo dos vivos. Kovács afirma que a crença de que a morte anuncia sua chegada atravessou os séculos e ainda pode ser identificada no imaginário popular, presente em histórias, lendas, contos e tradições transmitidas entre gerações¹⁵.

Para Ariès, a morte ideal era aquela que permitia ao indivíduo reconhecer sua proximidade e preparar-se para ela.¹⁴ Em contrapartida, a morte repentina e inesperada era considerada desonrosa, por impedir a realização dos rituais de despedida e da preparação espiritual. Além da morte súbita, também a chamada morte clandestina, aquela ocorrida sem testemunhas ou cerimônias era interpretada como um mau presságio. Nesses casos, acreditava-se que o falecido não havia tido tempo para arrepender-se de seus pecados e, por essa razão, muitas vezes lhe era negado o sepultamento cristão.

Ao comparar essa concepção medieval com a realidade contemporânea, Kovács observa que aquilo que, na Idade Média, era considerado uma morte feia ou vergonhosa pode ser compreendido, na atualidade, como uma boa morte, isto é, aquela que ocorre sem dor, sofrimento prolongado ou agonia.¹⁵ Essa transformação demonstra que os significados atribuídos ao morrer não são imutáveis, mas resultam das mudanças históricas, culturais e sociais que moldam a forma como cada sociedade compreende a morte.

Na concepção da morte domada, era frequente a imagem do moribundo em seu leito, cercado pelas pessoas próximas. Diante da proximidade do fim, recordava seus bens e seus entes queridos, revisitava momentos marcantes de sua trajetória e manifestava pesar por deixar a vida terrena, embora sem demonstrações excessivas de desespero. Essas atitudes expressavam a familiaridade com a morte, pois o moribundo reunia familiares para apresentar suas últimas recomendações e despedir-se, repetindo rituais transmitidos entre gerações¹⁵.

Mesmo os grandes guerreiros, reconhecidos por seus feitos heroicos, enfrentavam a morte com serenidade e simplicidade. Segundo Kovács, o processo de morrer era marcado por rituais específicos, entre eles a cerimônia do perdão, a recomendação da alma e as despedidas dos familiares e da comunidade.¹⁵ Destacam-se, nesse período, duas características fundamentais: a simplicidade das cerimônias e o caráter público da morte. Permanecer sozinho era considerado um dos maiores temores diante do fim da vida.

Ariès afirma que a sociedade medieval também demonstrava grande preocupação com os mortos. Acreditava-se que eles poderiam retornar e

perturbar o mundo dos vivos, razão pela qual era necessário manter certo distanciamento entre ambos¹⁴. Em decorrência dessa crença, os cemitérios eram, em geral, construídos fora das cidades, às margens das estradas, delimitando simbolicamente o espaço destinado aos mortos e reforçando a separação entre o mundo dos vivos e o dos falecidos.

Para os cristãos medievais, era de grande importância sepultar os mortos próximos aos túmulos dos santos, pois acreditava-se que essa proximidade garantiria proteção ao corpo até o dia do Juízo Final.

Dessa forma, a preservação da sepultura era considerada essencial para assegurar a ressurreição e a intercessão dos santos. Havia também a crença de que a violação do túmulo poderia comprometer o despertar do corpo no último dia. Segundo Ariès, essa concepção evidencia a forte crença na vida após a morte, princípio que permanece presente, ainda hoje, em diferentes tradições religiosas¹⁴.

Na Idade Média, as sociedades da Europa Ocidental compartilhavam uma visão de mundo profundamente fundamentada nos princípios da fé cristã. Conforme Santos, os ensinamentos da Igreja exerciam forte influência sobre a maneira como as pessoas compreendiam a vida, a morte e a esperança da existência após o falecimento¹⁶. Nesse contexto, o morrer era entendido como uma passagem para a vida eterna, e a preparação espiritual assumia papel central no enfrentamento da finitude.

De acordo com Santos, os doentes geralmente tinham consciência da proximidade da morte, uma vez que os recursos da medicina eram bastante limitados.¹⁶ Ao perceberem que a enfermidade era incurável, reuniam familiares, amigos e membros da comunidade para realizar o ritual de despedida, recomendando a alma a Deus e preparando-se espiritualmente para a morte. A presença dos entes queridos, das crianças e dos representantes da Igreja fazia parte desse ritual, reforçando a crença de que o fim da vida terrena representava o início de uma nova existência.

[...] sabiam que iam morrer, pois não tinham hospitais, e naquela época, apesar de conhecimentos precários das ciências médicas, se tinha algum conhecimento sobre determinados processos mórbidos. O doente, então, ao pressentir uma doença incurável, chamava os

parentes, os amigos íntimos, os conhecidos da vila para o ritual da despedida. As crianças participavam desse processo, tanto que toda a pintura sobre a morte na Idade Média costumava retratá-las ao lado dos moribundos. Achava que no leito de morte existia o livro da vida, onde todos os atos praticados seriam contabilizados e que de um lado da cabeceira do leito, encontrava o anjo da guarda e do outro, o diabo. O fim da vida não era considerado sinônimo de morte física; mais do que isto, a morte era vista como um sono e cabia à igreja assegurar a ressurreição no retorno apocalíptico de Cristo¹⁶.

Análise desse período evidencia que a morte ocupava um lugar socialmente reconhecido e culturalmente compartilhado, sendo integrada ao cotidiano das pessoas e cercada por rituais que atribuíam sentido à experiência da finitude. Assim, a denominada morte domada expressa uma concepção histórica na qual o morrer era vivido com maior naturalidade, reforçando que as formas de compreender a morte são construídas de acordo com os valores, as crenças e o contexto sociocultural de cada época.

5.2 Da Familiaridade à Interdição da Morte

As transformações culturais, intelectuais e científicas ocorridas ao longo da história modificaram profundamente a maneira como o ser humano passou a compreender e vivenciar a morte. Segundo Santos, a sabedoria popular, até então fortemente influenciada pelas tradições e crenças religiosas, passou a ser confrontada pelas descobertas científicas e pelas novas formas de compreender o mundo, promovendo mudanças significativas nas concepções sobre a vida, a morte e a finitude.⁶

Nessa mesma perspectiva, Kovács observa que, historicamente, diferentes culturas estabeleceram relações simbólicas entre a vida e a morte¹⁵. Uma das representações mais recorrentes consiste na associação entre a morte e o sono, compreendendo o morrer como um momento de repouso e descanso. Para a autora, essa imagem frequentemente remete à natureza, representada por jardins e paisagens tranquilas, simbolizando a continuidade do ciclo da vida. Kovács acrescenta que a familiaridade com a morte, característica de determinados períodos históricos, também estava associada a sentimentos de resignação e aceitação diante da finitude.¹⁵ Nessa concepção, a morte não era

percebida com repulsa ou desespero, mas como parte natural da existência humana, sendo acolhida com relativa serenidade e integrada ao curso da vida. Na compreensão de Ariès, há duas maneiras de não pensar na morte: a primeira consiste em concebê-la como um evento cotidiano e banal; a segunda transforma-a em um tema interdito da sociedade tecnicista¹⁴.

Para Kovács, a morte que antes era próxima, familiar, banalizada e insensibilizada é muito diferente da morte dos dias atuais, da qual evitamos até mesmo pronunciar o nome¹⁵. Segundo a autora, com o desenvolvimento da indústria e da técnica, especialmente da medicina, observa-se uma profunda transformação em sua representação, tornando-a cada vez mais distante da experiência cotidiana e, ao mesmo tempo, mais temida. Como afirma Arantes, “As pessoas não querem ter mais tempo para pensar na morte”¹².

Nesse período, começam a surgir temas como o sofrimento, os delírios, a agonia e a luta com os poderes espirituais. O momento da morte deixa de ocupar posição central, e já não se espera mais por sinais que anunciem sua proximidade. A importância desloca-se para a forma como a vida foi vivida, tornando insuficiente a crença de que um arrependimento nos instantes finais seria capaz de apagar os erros e as escolhas realizadas ao longo da existência. Arantes ressalta que não é possível deter a passagem do tempo¹². Em relação a ele, a única possibilidade consiste em atribuir sentido às experiências construídas ao longo da vida. Sob essa perspectiva, a existência terrena passa a ser compreendida como um tempo de preparação para a morte, estabelecendo uma estreita relação entre o bem viver e o bem morrer. Essa compreensão conduz à reflexão de que as experiências existenciais favorecem o autoconhecimento e permitem ao ser humano reconhecer-se para além da dimensão exclusivamente corporal, compreendendo sua existência em sentido mais amplo.

Em síntese, as transformações históricas ocorridas no Ocidente alteraram profundamente a maneira como a morte passou a ser percebida e vivenciada. O que anteriormente fazia parte do cotidiano, compartilhado por familiares e pela comunidade, tornou-se progressivamente um acontecimento mais reservado, institucionalizado e, muitas vezes, silenciado. Essas mudanças

evidenciam que a compreensão da morte não é estática, mas resulta das concepções históricas, culturais, religiosas e sociais construídas em diferentes momentos da trajetória humana.

As transformações culturais, intelectuais e científicas ocorridas ao longo da história também modificaram a maneira como o ser humano passou a compreender e vivenciar a morte. Segundo Santos, a sabedoria popular, até então fortemente influenciada pelas tradições e crenças religiosas, passou a ser confrontada pelas descobertas científicas e pelas novas formas de compreender o mundo, promovendo mudanças significativas nas concepções sobre a vida, a morte e a finitude¹⁶.

Nessa mesma perspectiva, Kovács observa que, historicamente, diferentes culturas estabeleceram relações simbólicas entre a vida e a morte.¹⁵ Uma das representações mais recorrentes é a associação entre a morte e o sono, compreendendo o morrer como um momento de repouso e descanso. Para a autora, essa imagem frequentemente remete à natureza, representada por jardins e paisagens tranquilas, simbolizando a continuidade do ciclo da vida.

Kovács acrescenta que a familiaridade com a morte, característica de determinados períodos históricos, também estava associada a sentimentos de resignação e aceitação diante da finitude.¹⁵ Nessa concepção, a morte não era percebida com repulsa ou desespero, mas como parte natural da existência humana, sendo acolhida com relativa serenidade e integrada ao curso da vida. Na compreensão de Ariès, há duas maneiras de não pensar na morte: a primeira a concebe como um evento cotidiano e banal; a segunda a transforma em um tema interdito da sociedade tecnicista¹⁴.

Para Kovács, a morte que antes era próxima, familiar, banalizada e insensibilizada é muito diferente da morte dos dias de hoje, da qual evitamos até mesmo pronunciar o nome. Para a autora, com o desenvolvimento da indústria e da técnica, principalmente da medicina, observa-se uma grande mudança em sua representação, tornando-a cada vez mais selvagem. “As pessoas não querem ter mais tempo para pensar na morte”¹².

Nesse período, começam a surgir temas como o sofrimento, os delírios, a agonia e a luta com os poderes espirituais. O momento da morte passa a

perder a importância, e já não se recebem mais avisos sobre sua proximidade. Não é mais o momento da morte que define o destino do ser humano, mas a forma como viveu sua existência, pois é uma ilusão acreditar que o arrependimento do último momento seja capaz de apagar a maldade e os erros cometidos ao longo de toda uma vida.

Arantes insiste que não é possível segurar o tempo¹². Em relação a ele, a única coisa de que o ser humano pode se apropriar é da experiência construída continuamente ao longo da existência. A vida terrena passa a ser compreendida como um tempo de preparação para a morte. Assim, estabelece-se uma relação entre o bem viver e o bem morrer, conduzindo à reflexão de que as experiências existenciais permitem ao ser humano aprofundar o conhecimento sobre si mesmo, reconhecendo-se como um ser que não se define apenas por sua corporeidade, mas também por sua dimensão existencial.

Dessa forma, observa-se que a maneira como a sociedade compreende a morte reflete as transformações históricas, culturais e sociais de cada época. Ao mesmo tempo em que a morte é afastada da experiência cotidiana, cresce a necessidade de resgatar reflexões que permitam ao ser humano reconhecer sua finitude como dimensão constitutiva da existência e atribuir sentido ao viver.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A morte acompanha a humanidade desde os seus primórdios e permanece como uma das maiores inquietações da existência humana. Embora seja um acontecimento biológico inevitável, sua compreensão é construída historicamente e influenciada por fatores culturais, religiosos, filosóficos e sociais, que atribuem diferentes significados ao morrer e à finitude.

Ao analisar as perspectivas históricas e culturais da morte no Ocidente, verificou-se que sua representação sofreu profundas transformações ao longo do tempo. Desde as concepções presentes na mitologia grega, nas quais Eros e Thanatos simbolizam a dualidade entre vida e morte, passando pela familiaridade com a morte característica da Idade Média, até a contemporaneidade, marcada pela medicalização, pelo afastamento do morrer

do convívio social e pelo silenciamento desse tema, observa-se que cada período histórico elaborou diferentes formas de compreender e enfrentar a finitude humana.

As contribuições de autores como Ariès, Kovács, Kübler-Ross, Santos, Arantes e D'Assumpção evidenciam que a morte não pode ser compreendida apenas como um evento biológico, mas como um fenômeno complexo, permeado por crenças, valores, experiências e construções socioculturais. Da mesma forma, demonstram que a maneira como cada sociedade enfrenta a morte influencia os rituais, os processos de luto, as relações humanas e a própria forma de viver.

Nesse sentido, refletir sobre a morte significa, também, refletir sobre a vida. O reconhecimento da finitude pode favorecer uma compreensão mais profunda da existência humana, da valorização dos vínculos, da dignidade no processo de morrer e do respeito às diferentes formas de elaboração das perdas. Assim, compreender a morte não implica apenas estudar seu significado histórico ou cultural, mas reconhecer seu papel como dimensão constitutiva da experiência humana.

Por fim, espera-se que este estudo contribua para ampliar as discussões sobre a morte no campo da filosofia, da psicologia, da tanatologia e das ciências humanas, incentivando uma abordagem mais humanizada desse fenômeno. Também se espera que as reflexões aqui apresentadas estimulem novas pesquisas que aprofundem a compreensão da finitude humana e fortaleçam práticas de cuidado, acolhimento e educação para a morte, favorecendo uma sociedade mais preparada para lidar com uma realidade que, embora inevitável, ainda permanece cercada por silêncios, medos e tabus.

REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA RM. Eros e Tânatos: a vida, a morte, o desejo. São Paulo: Loyola; 2007.

2. ARANTES ACQ. A morte é um dia que vale a pena viver. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; 2016.
3. ARIÈS P. O homem diante da morte. Tradução: Luiza Ribeiro. 1. ed. São Paulo: Unesp; 2014.
4. ARIÈS P. A história da morte no Ocidente. Rio de Janeiro: Francisco Alves; 1977.
5. BRANDÃO JS. Mitologia grega. 3. ed. Petrópolis: Vozes; 1987. v. 1.
6. BULFINCH T. O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis. Rio de Janeiro: Ediouro; 2013.
7. D'ASSUMPÇÃO EA. Sobre o viver e o morrer: manual de tanatologia e biotanatologia para os que partem e os que ficam. 9. ed. Petrópolis: Vozes; 2011.
8. ESOPO. Eros e Morte. In: Meltzer D. Death: an anthology of ancient texts, songs, prayers and stories. San Francisco: North Point Press; 1984.
9. FREUD S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Psicologia de Grupo e a Análise do Ego (1921). Rio de Janeiro: Imago; 1996.
10. GOULART FO, et al. Vida após a morte nas mitologias: um pequeno dossiê para curiosos por mitologia. Rio Grande, RS: CLP; 2015.
11. GUIMARÃES R. Dicionário da mitologia grega. São Paulo: Cultrix; 1972.
12. KASTENBAUM R, AISENBERG R. Psicologia da morte. São Paulo: Pioneira; 1983.
13. KOVÁCS MJ. A morte em vida. In: Franco MHP, et al. Vida e morte: laços da existência. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2011. p. 11-33.
14. KOVÁCS MJ. Educação para a morte: desafio na formação de profissionais de saúde e educação. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2003.
15. KOVÁCS MJ. Educação para a morte: temas e reflexões. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2012.
16. KOVÁCS MJ. Morte e desenvolvimento humano. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2010.

17. KÜBLER-ROSS E. Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiros, religiosos e aos seus próprios parentes. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes; 2017.
18. MEUNIER M. A legenda dourada: nova mitologia clássica. São Paulo: Ibrasa; 1961.
19. SANTOS FS. Perspectivas histórico-culturais da morte. In: Incontri D, Santos FS, organizadores. A arte de morrer: visões plurais. Bragança Paulista, SP: Comenius; 2009. v. 1. p. 13-25.
20. SANTOS FS. Tanatologia: a ciência da educação para a vida. In: Santos FS, organizador. A arte de morrer: visões plurais. Bragança Paulista, SP: Comenius; 2009. v. 2. p. 13-36.
21. SANTOS FS, INCONTRI D. Educação para a vida e para a morte: do ensino fundamental à universidade. In: Santos FS, organizadores. A arte de morrer: visões plurais. Bragança Paulista, SP: Comenius; 2010. v. 3. p. 15-29.
22. WORDEN JW. Terapia do luto: manual para profissionais da saúde mental. Tradução: Max Brenner, Maria Rita Hofmeister. Porto Alegre: Artes Médicas; 1998.